

Deputado Floriano Bezerra no quartel do Exército no Tirol - O golpe militar de 64 do Exército no Tirol, por Luiz Gonzaga Cortez Gomes

“O golpe militar de 1964 representou um grande atraso no avanço social do povo brasileiro, que teria feito a reforma agrária desde aquela época e evitado todos esses problemas sociais que estamos vivendo ainda hoje, isto é, de forma mais agravado porque a delinquência está muito pior. Se não fosse o golpe militar, teríamos feito as reformas tributária, urbana, agrária, fiscal, todas as reformas que o Brasil ainda luta por elas. Mesmo assim, ainda acredito que o Brasil tem jeito”, disse ex-deputado estadual Floriano Bezerra de Araújo, 76, poeta assuense, um das centenas de presos pelo Exército em abril de 1964. Na época do golpe era dirigente do Sindicato dos Salineiros de Macau e deputado estadual pelo PTB. Foi preso e torturado no quartel do 16 Regimento de Infantaria, no Tirol, por oficiais do Exército.

“Foi na madrugada do dia 1 de abril que eu soube do movimento de tropas. Estava em Natal e aluguei um taxi para me deixar em Macau, onde tinha base sindical e eleitoral. O motorista, Tetéo, me levou para posto de gasolina, no Baldo, onde estavam as tropas concentradas na frente do sindicato dos trabalhadores. O motorista quase me entrega ao Exército. Eu disse: lhe contratei para ir para Macau, não foi para ficar aqui, não. Ele me levou para Macau, onde fiquei 15 dias, sem poder sair da cidade porque chovia muito na região. Então, não vi o desenrolar do golpe em Natal. (Floriano não afirmou, mas Willington Germano diz que “... sindicatos marítimos de Areia Branca e Macau, centros produtores de sal no interior do Estado, entraram em greve em protesto contra a deflagração do golpe” - Lendo e Aprendendo, p. 152, Editora Cortez, São Paulo, 1989).

No dia 15, recebi um ofício do capitão Bruno, da Capitania dos Portos e responsável pelo golpe em Macau, para eu me apresentar no QG, através do piloto João Pinheiro, que trabalhava num dos aviões do nosso sindicato que era usado em emergência. Em vez de pousar em Capim Macio, o avião pousou na Base Aérea, de onde fui levado para o QG e apresentado ao coronel Ademar Cirilo, que me levou ao general Emir Chaves, que ordenou ao Capitão Dourado me levar para o 16 RI. “Vá deixar esse rapaz no 16 que é nosso preso”, disse o general. No dia 15 de abril fui para o 16 RI, onde quase morri de tantas torturas físicas (choques elétricos, pau de arara, etc.) e psicológicas, praticadas pelo capitão Ênio Lacerda e os tenentes Castelo Branco, Roosevelt e José do Nascimento, todos cearenses. Esses oficiais queriam que eu dissesse onde estavam as armas, em quais fazendas elas estavam escondidas, etc. Essas armas nunca existiram, mas eles me torturaram para que eu confessasse. Nos fundos do quartel tinha uma tal de banheira seca, onde o preso era amarrado com cordas novas nos pés e mãos e colocado nessa banheira cheia d’água e só retirado quando estava se afogando. Eu fiquei um trapo, só vivo. Depois das torturas dos primeiros dias, vieram as torturas psicológicas, simulações de fuzilamentos etc.”, disse Floriano Bezerra, que está escrevendo um livro com as suas memórias.

As mulheres presas, como a estudante de medicina Maria Laly Carneiro, que hoje mora na França, também sofreram. “Laly, coitada, essa mulher sofreu muito nas mãos dos seus torturadores. Ela foi muito torturada de noite e de dia. À noite, numa área próxima onde se encontrava o seu noivo, Geniberto de Paiva Campos, eu ouvi os seus gritos lancinantes, pedindo socorro, tal eram as torturas feitas pelos tenentes cearenses. Essa mulher, quartanista de medicina em Natal, foi embora para a França. Aconteceu que o general Humberto de Alencar Castelo Branco, o Presidente, durante o seu mandato foi recepcionado em Paris pelo governo francês. Laly estava lá e foi apresentada ao general-presidente, que perguntou: “que faz uma brasileira por aqui?”. Laly respondeu: “Sou uma brasileira exilada pela ditadura que o senhor implantou no meu país”. Olhe, isso demonstrou um ato de coragem muito grande de Laly e causou um incidente em Paris”, conta Floriano Bezerra de Araújo.

Além de parlamentar, Floriano foi presidente das Ligas Camponesas no RN, no curto período de sua existência (setembro de 1963 a 31 de março de 1964). Como sindicalista rural, ele sofreu forte reação da bancada conservadora na Assembléia Legislativa, tendo à frente Valmir Targino e Lauro Arruda Câmara. “Esses não me davam trégua, representavam o latifúndio, a reação. Por isso, eles reagiam reacionariamente aos meus discursos”.